

Há histórias neste lugar: lembranças de velhos/as sobre as brincadeiras populares da infância

There are stories in this place: old people's memories of popular childhood games

Hay historias en este lugar: recuerdos de ancianos sobre juegos populares de la infancia

Maria Kariny Tavares de Luna

Universidade Federal do Cariri (Ufca), Cariri/CE – Brasil

Francione Charapa Alves

Universidade Federal do Cariri (Ufca), Cariri/CE – Brasil

Cícero Edinaldo dos Santos

Universidade Federal do Cariri (Ufca), Cariri/CE – Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender como as brincadeiras populares da infância são relatadas nas lembranças dos/as velhos/as do distrito de São Felipe, em Brejo Santo – CE. Com base nos pressupostos metodológicos da abordagem qualitativa, adota o método de história oral, pautando-se em entrevistas semiestruturadas com seis participantes e analisando a partir da análise de conteúdo. Os resultados destacam que, além de representarem momentos de lazer e socialização, as brincadeiras populares da infância refletem dinâmicas socioculturais atravessadas por marcadores de gênero e marcadores geracionais. Diante disso, considera-se a necessidade de intervenções educacionais que reconheçam tais brincadeiras como patrimônio lúdico-cultural comunitário, utilizando as lembranças dos/as velhos/as como um recurso para a sua preservação e/ou problematização.

Palavras-chaves: brincadeiras populares, infância, velhos, gênero, geração.

Abstract

This article aims to understand how childhood popular games are remembered by the elderly in the district of São Felipe, in Brejo Santo – CE. Based on qualitative approach methodological principles, it adopts the Oral History method, relying on semi-structured interviews with six participants and analyzing them through content analysis. The results

highlight that, in addition to representing moments of leisure and socialization, childhood popular games reflect sociocultural dynamics shaped by gender and generational markers. In this sense, there is a need for educational interventions that recognize such games as community ludic-cultural heritage, using the memories of the elderly as a resource for their preservation and/or problematization.

Keywords: popular games; childhood; elderly; gender; generation.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo los juegos populares de la infancia son recordados por los/las ancianos/as del distrito de São Felipe, en Brejo Santo – CE. Basándose en los presupuestos metodológicos del enfoque cualitativo, adopta el método de Historia Oral, utilizando entrevistas semiestructuradas con seis participantes y analizándolas a través del análisis de contenido. Los resultados destacan que, además de representar momentos de ocio y socialización, los juegos populares de la infancia reflejan dinámicas socioculturales atravesadas por marcadores de género y generacionales. Ante esto, se evidencia la necesidad de intervenciones educativas que reconozcan tales juegos como patrimonio lúdico-cultural comunitario, utilizando los recuerdos de los ancianos como un recurso para su preservación y/o problematización.

Palabras clave: juegos populares; infancia; ancianos; género; generación.

1 Introdução

No interior do Brasil, longe dos grandes centros urbanos, as brincadeiras populares constituem uma das mais complexas expressões da cultura infantil, vistas como um componente da identidade e do pertencimento comunitário. Durante a infância, as brincadeiras populares não apenas estimulam o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças, mas também funcionam como vínculos afetivos entre diferentes gerações, com efeitos na constituição das subjetividades de meninos e meninas.

No entanto, com o avanço e a inserção de tecnologias nas referidas localidades, observa-se um distanciamento progressivo entre as novas gerações e as brincadeiras populares da infância. Esse afastamento suscita questionamentos sobre a permanência dessas práticas e seus impactos culturais, o que repercute diretamente nos contextos comunitário, escolar e familiar. Diante desse contexto, as lembranças dos/as velhos/as funcionam como recursos educativos não formais para a preservação e/ou problematização das brincadeiras populares da infância, ao reavivar práticas lúdicas e saberes que perpassam gerações.

A expressão “velhos/as” remete a uma construção social e cultural que vai além da mera categorização etária, evocando o posicionamento dessas pessoas em relação a outras gerações. A investigação das lembranças dos/as velhos/as, portanto, pode revelar como tais brincadeiras foram vivenciadas em múltiplas infâncias e de que modo foram, ou não, transmitidas entre as gerações. Nesse sentido, emerge o seguinte problema: Como as

brincadeiras populares da infância são relatadas nas lembranças dos/as velhos/as do distrito de São Felipe, localizado no município de Brejo Santo, no estado do Ceará?

Sob a perspectiva acadêmica, a investigação parte do pressuposto de que as lembranças dos/as velhos/as contêm saberes significativos para a vida e sobre a vida de tais pessoas ao longo da trajetória histórica (Bosi, 1994). Além disso, busca redimensionar esse pressuposto psicossociológico no campo da educação não formal, destacando suas especificidades em uma localidade pouco explorada na literatura especializada.

No âmbito social, a investigação se posiciona politicamente para a valorização das lembranças dos/as velhos/as, destacando-os como protagonistas de seus saberes, os quais merecem vez e voz nas investigações acadêmicas e educacionais.

De modo mais particular, essa investigação surgiu do anseio de conhecer e divulgar as lembranças dos/as velhos/as do distrito de São Felipe, onde uma das autoras reside. As brincadeiras populares da infância, sempre presentes em sua trajetória pessoal graças aos incentivos de suas avós, tornaram-se objeto de estudo em sua trajetória profissional.

Esse interesse se intensificou, quando conheceu duas dissertações de mestrado de professoras brejo-santenses (Silva, 2022; Sousa, 2024), que fazem uso de estudos orais como modo de compreensão das experiências das pessoas. Ademais, a partir da iniciação à pesquisa educacional, a referida autora teve a oportunidade de entrevistar uma de suas avós para um trabalho acadêmico, percebendo a importância de registrar o que os/as velhos/as têm a dizer sobre suas próprias trajetórias de vida por meio de suas lembranças.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo compreender como as brincadeiras populares da infância são relatadas nas lembranças dos/as velhos/as do distrito de São Felipe, em Brejo Santo – CE.

Para isso, ancora-se em referenciais teóricos que permitem estabelecer interfaces entre infância, brincadeiras populares e lembranças de velhos. Além disso, adota-se a abordagem qualitativa, fundamentada no método da história oral, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com seis participantes, cujos relatos foram analisados com base na análise de conteúdo.

2 Brincadeiras populares da infância: tecituras das lembranças dos/das velhos/as

A presença dos/as velhos/as na sociedade contemporânea exige uma investigação crítica, especialmente no que tange ao modo como suas lembranças são conhecidas e compartilhadas.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (Bosi, 1994, p. 55).

As percepções dos/as velhos/as sobre o mundo e sobre si mesmos são frequentemente expressas oralmente e, muitas vezes, transcendem o individual, tornando-se parte de um patrimônio comunitário. Além disso, muitas de suas lembranças não estão registradas por escrito, o que resulta na ausência de documentação sobre distintas experiências humanas ao longo do tempo e na limitação da disseminação de conhecimentos a esse respeito.

As lembranças dos/as velhos/as, principalmente aquelas gestadas em espaços comunitários, carregam significados profundos que refletem as dinâmicas sociais e políticas de uma época específica. Assim, cada lembrança se torna “[...] a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (Bosi, 1994, p. 53).

De acordo com Bosi (1994), em algumas comunidades, os/as velhos/as são chamados/as a manter viva a história e a transmitir suas experiências para as novas gerações. Através de suas vozes, eles se tornam defensores das tradições culturais de suas comunidades.

No entanto, atualmente, nota-se que as vozes dessas pessoas são marginalizadas, vistas apenas como testemunhos de um passado que não volta mais. Essa postura combativa pode ser danosa para compreensões mais amplas da sociedade, uma vez que suas lembranças carregam saberes que podem contribuir para o conhecimento do passado, mas também seus laços com o presente.

As lembranças dos/as velhos/as oferecem uma perspectiva mais apurada das suas trajetórias de vida, mas também da história e da cultura de uma comunidade, funcionando como um espelho de aprendizado para as novas gerações. Essas lembranças não representam meras recordações subjetivas, mas, sim, testemunhos de experiências que, ao serem compartilhadas, contribuem para a construção de um senso comunitário, mais ou menos coeso. São essas lembranças que resistem ao silenciamento e mantêm aceso o legado de um passado que, sem o devido cuidado, corre o risco de se apagar. Entre as lembranças dos/as velhos/as, encontram-se aquelas referentes à infância.

Ariès (2014) salienta que é preciso desnaturar a ideia de permanência contínua na história. Logo, tudo aquilo que envolve a infância pode ser visto como uma invenção historicamente situada.

Na Idade Média, por exemplo, em território europeu, as crianças eram tratadas

como pequenos adultos. Apenas a partir da Modernidade, com o aumento das mudanças sociais, culturais e educacionais, surgiu a noção de infância como uma fase específica de desenvolvimento e aprendizagem. Até então, nas classes sociais mais favorecidas, as atividades lúdicas eram permitidas às crianças, apenas quando previamente definidas pelos adultos, seja por meio de brincadeiras diretamente praticadas por eles ou que reproduzissem seus hábitos.

Concomitantemente à invenção social da infância, surgiram novas brincadeiras destinadas especificamente às crianças, com o propósito de as diferenciar e, sempre que possível, separá-las das atividades tradicionais dos adultos.

Segundo Valle (2010), com o surgimento das discussões sobre a infância e a consolidação de leis que asseguraram os direitos das crianças, bem como os deveres da família e do Estado, a valorização do ato de brincar cresceu significativamente em várias partes do mundo, expandido para outras classes sociais, apesar de manter divergências. Lentamente, o ato de brincar foi visto como uma forma de entretenimento, mas também como uma forma complexa de comunicação da criança consigo mesma e com o mundo ao seu redor.

Psicologicamente, em alinhamento com as postulações de Vygotsky (1998), compreende-se que a atividade lúdica impulsiona o desenvolvimento infantil. Por meio do ato de brincar, a criança não apenas exercita habilidades cognitivas, sociais e emocionais, mas também internaliza significados culturais e constrói novos sentidos a partir das interações com o meio.

Esse processo evidencia a mediação social no desenvolvimento, pois o ato de brincar é incentivado, modelado e ressignificado dentro do contexto cultural em que a criança está inserida. O ato de brincar une desenvolvimento infantil e cultura.

De modo mais específico, as brincadeiras populares também atuam diretamente no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Segundo Kishimoto (2011) e Cavalheiri (2012), tais brincadeiras podem ser entendidas como uma manifestação cultural transmitida entre gerações, refletindo a identidade de um grupo social.

Algumas brincadeiras populares, tais como chicotinho queimado, quente e frio, batata-quente, jogo do belisco, cavalo-de-pau, peteca, cantigas de roda, pega-pega têm origem em influências históricas e sociais, um legado da colonização e da miscigenação brasileira. Apesar de sua relevância, a prática dessas brincadeiras tem diminuído significativamente ao longo dos anos, o que suscita questionamentos sobre as razões dessa situação.

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), enfatiza

que as brincadeiras, incluindo aquelas denominadas de populares e/ou tradicionais, devem ser usadas como recursos pedagógicos para o desenvolvimento de várias competências, tais como o movimento, a linguagem e a interação com o meio social. Conforme esse documento normativo,

[...] São igualmente relevantes os jogos e as brincadeiras presentes na memória dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, que trazem consigo formas de conviver, oportunizando o reconhecimento de seus valores e formas de viver em diferentes contextos ambientais e socioculturais brasileiros (Brasil, 2018, p. 215).

Diante do exposto, considera-se que as brincadeiras populares da infância podem ser inseridas em espaços formais de ensino, uma vez que possibilitam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Além disso, entende-se que os professores devem ser capazes de compreender os meandros de tais brincadeiras para sua preservação e/ou problematização em sala de aula.

Para isso, torna-se viável um giro investigativo centrado na educação não formal, em vez da educação formal, a fim de revelar subsídios que possam favorecer reflexões sobre as brincadeiras populares da infância à luz das lembranças dos/as velhos/as.

3 Pressupostos metodológicos de investigação

A metodologia adotada está alinhada à abordagem qualitativa, compreendida como uma oportunidade de produção de conhecimento científico que se ocupa de um nível de realidade que não é passível de quantificação. Segundo Minayo (2016), essa abordagem se dedica a explorar uma gama de significados criados para e pelas pessoas em suas vidas cotidianas.

Além disso, a abordagem qualitativa vai além da simples operacionalização de variáveis, concentrando-se nas dimensões subjetivas e intersubjetivas das pessoas, com o propósito de captar a complexidade das experiências humanas e dos contextos em que elas se manifestam.

Segundo Meihy e Holanda (2011), a história oral se concentra na produção, transcrição, textualização e interpretação de relatos orais. Enquanto metodologia interdisciplinar, a história oral é concebida como um processo dinâmico que engloba tanto aspectos objetivos quanto subjetivos relacionados às lembranças sobre eventos, acontecimentos ou sobre a própria pessoa.

Conforme Alberti (2005), Meihy e Holanda (2011), a história oral tem proporcionado visibilidade a grupos marginalizados, tais como indígenas, homossexuais,

pessoas com deficiência, imigrantes e exilados. Nesse entendimento, considera-se que a história oral também pode representar um avanço importante no resgate das trajetórias de vida dos/as velhos/as, por meio da valorização de suas lembranças, uma vez que essas pessoas, frequentemente, têm suas vozes silenciadas ou negligenciadas nas produções científicas contemporâneas.

Diante disso, à luz da história oral, o registro de informações oriundo das lembranças dos/as velhos/as foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas. De acordo com Fraser e Gondim (2004), essa técnica combina um roteiro de perguntas previamente elaboradas com a possibilidade de inserção de novas questões abertas, que podem emergir durante a interação entre os interlocutores.

Embora o entrevistador tenha maior controle sobre os tópicos a serem explorados, o formato da entrevista permite a manifestação oral e espontânea do entrevistado, proporcionando uma reflexão mais livre e aprofundada sobre os temas abordados.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com seis participantes, residentes no distrito de São Felipe, localizado no município de Brejo Santo, três homens e três mulheres. Os critérios de seleção para os participantes foram: 1) ter idade superior a 60 anos, 2) residir na comunidade durante a maior parte da vida e 3) manifestar interesse em participar da investigação. Os/as participantes escolhidos/as são pessoas ativas na comunidade, com experiências distintas e inserções familiares específicas.

Para a análise das entrevistas, utilizou-se a análise de conteúdo à luz dos norteamentos de Bardin (2009), vista como um aporte metodológico que visa a identificar padrões, temáticas recorrentes e possíveis significâncias nos relatos dos participantes, conectando-os com o problema de investigação.

Para isso, concentrou-se em três etapas principais: 1) pré-análise das informações, 2) exploração do material coletado; e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretações. A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), foram identificadas três categorias centrais, as quais serão apresentadas nas seções seguintes.

No que tange aos pressupostos éticos, a investigação respeitou as diretrizes das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, garantindo o sigilo, privacidade e respeito aos direitos dos/as entrevistados/as. Além disso, os relatos foram transcritos fielmente às falas originais, sem correções gramaticais ou ortográficas, mesmo quando apresentavam jargões ou expressões consideradas não normativas, valorizando-se os dizeres próprios dos/as velhos/as e suas peculiaridades linguísticas.

Para preservar o anonimato, eles/elas foram identificados/as como “velhos” e

“velhas”, seguidos de um número de identificação, correspondente de 1 a 3. Optou-se pela nomeação “velhos/as” em vez de “idosos/as” por respeito à autopercepção dos/as entrevistados/as, que se reconhecem e se referem a si mesmos/as dessa forma.

4 Lembranças dos/as velhos/as sobre as brincadeiras populares da infância

Investigar as lembranças dos/as velhos/as exige uma postura sensível por parte do pesquisador, que deve estar atento aos limites e potencialidades de expressão oral das pessoas entrevistadas. A timidez, o receio sobre o destino dos resultados da pesquisa e até o medo de se expor podem influenciar a disposição dessas pessoas em compartilhar suas experiências.

Nessa situação, o pesquisador precisa estar atento não apenas ao conteúdo das falas, mas também à forma como elas são expressas, observando pausas, hesitações e divagações. Compreender essas nuances é fundamental para criar um ambiente de confiança, em que os/as entrevistados/as se sintam seguros e à vontade para falar, sem pressões externas ou cobranças.

4.1 Sob o luar de cada quintal: as brincadeiras populares da infância e os marcadores de gênero

Ao entrevistar os/as velhos/as do distrito de São Felipe, denotou-se a relação entre as brincadeiras populares da infância e os marcadores de gênero. De acordo com Louro (2008), o gênero não é uma característica biológica ou natural, mas uma construção social intimamente ligada às dinâmicas de poder e às estruturas sociais que definem papéis e comportamentos considerados apropriados para homens e mulheres.

Os marcadores de gênero, portanto, abrangem um sistema de organização social, que não apenas distribui papéis, mas também cria e sustenta desigualdades sociais. Tais marcadores não são fixos ao longo do tempo, embora haja investimentos para a sua naturalização.

De acordo com Saffioti (2010), durante a infância, as crianças são ensinadas de diversas formas a se tornarem homens ou mulheres. Aos meninos são atribuídos valores sociais que os associam a papéis específicos, como a ideia de que o homem deve ser o provedor, corajoso, forte e guiado pela razão, limitando, assim, o desenvolvimento da sensibilidade e da afetividade.

Em contraste, as meninas são educadas para adotar características consideradas

opostas às masculinas, como a passividade e a docilidade. Nesse contexto, as brincadeiras das meninas são voltadas para atividades domésticas, como o cuidado do lar e dos filhos, enquanto os meninos têm brinquedos associados a aspectos mais agressivos ou voltados a ação corporal.

Conforme as lembranças dos/as velhos/as residentes no distrito de São Felipe, em meados do século XX, a escolarização era tardia, precária e de difícil acesso, sem estrutura nem suporte adequado para atender às crianças. Ao atingirem determinada idade, muitas crianças, especialmente os meninos, eram levadas pelos pais para o trabalho na roça.

Eram comuns os momentos de dificuldades econômicas, em que garantir o sustento diário de um núcleo familiar, geralmente extenso, representava um desafio constante, e o trabalho se tornava uma necessidade para complementar a renda doméstica. Assim, desde cedo, os meninos eram ensinados não apenas a desempenhar atividades laborais, mas também a assimilar os valores morais transmitidos pelos pais.

Ao recordarem suas infâncias, os velhos relataram que essa fase da vida foi:

[...] Só trabalhar mesmo. Só trabalhando mesmo (Velho 1).

[...] Minha infância foi trabalhar. Com nove anos de idade, já estava na roça. Ia para a escola, quando chegava, ia pra roça [...] (Velho 2).

[...] Foi trabalhando muito, viu? Meu pai nunca me chamou, nunca falou de eu ir à escola, viu? (Velho 3).

Os velhos descreveram sua infância como uma fase marcada pelo ingresso no trabalho; essa é a primeira lembrança que a atravessa. Seus relatos refletem as grandes responsabilidades que lhes eram atribuídas desde cedo. Para eles, esse era o modo pelo qual seus responsáveis ensinavam os meios de sobrevivência, diante do acesso limitado a recursos tecnológicos e governamentais.

Apesar dessas circunstâncias, os velhos não lembram da infância como uma fase triste. Pelo contrário, em seus relatos, destacam que “gostavam de ir para a roça e ajudar seus pais” (Velho 1; Velho 2; Velho 3). O trabalho, para eles, dava o senso de pertencimento familiar e de inserção no mundo.

Embora o trabalho ocupasse grande parte do dia, os velhos se recordam com alegria das brincadeiras populares da infância:

[...] A brincadeira era de andar a cavalo em cavalo de pau [...]. De manhã trabalhava, mas de noite brincava (Velho 1).

[...] Brincava, sim. Brincava de bicheira, brincava de tudo no mundo, de se esconder. Brincava de cavalo de pau, juntava três, quatro meninos aí, cada cá tirava o cavalo de pau, aí ficava pegando párea nas estradas para ver qual era o melhor [...] aí a gente se divertia, a boca da noite, era brincando com os outros [...] (Velho 2).

[...] [Brincava] Pouco. Eles não me deixavam viver brincando, não, né, mas eu brincava, sim, no dia de domingo (Velho 3).

Segundo Kishimoto (2011, p. 67), o ato de brincar pode ser compreendido como uma situação imaginária criada pela criança. Além disso, também “[...] preenche necessidades que mudam de acordo com a idade”.

À luz dessa premissa, constata-se que, de acordo com as lembranças dos velhos, o trabalho não foi um obstáculo que os impediu de brincar, embora reconheçam que não brincaram tanto quanto gostariam. As brincadeiras populares da infância eram vinculadas a um tempo de lazer, em meio ao longo dia de trabalho. Era nesse momento que eles interagiam com seus familiares e amigos.

Entre as brincadeiras preferidas por eles estavam aquelas denominadas de cavalo-de-pau e a bicheira (mais conhecida como pega-pega), que demandam certa agressividade e ação corporal. Eram essas brincadeiras, criadas e compartilhadas sob o luar nos quintais, que supriam a falta de recursos e amenizavam o cansaço do dia a dia.

Enquanto os velhos tensionaram as brincadeiras populares da infância com o trabalho, as velhas do distrito de São Felipe destacaram outros aspectos que sinalizam os marcadores de gênero. Em consonância com seus relatos,

[...] nós fazíamos umas casinhas de paia de catolé [...] Aí nós ficava lá, ficava o dia todim. Brincando[...] Tinha uma redinha, assim, de deitar a boneca. Nós batizávamos as bonecas. Era engraçado. Nós passava o dia todo nessa brincadeira. Só naquela brincadeira. Aí fazia de comer para as bonecas. Bonecas de pano (Velha 1).

[...] Aí a gente brincava de roda, né? Brincava naquela brincadeira de anel, né? Tu sabe como é. [...] O que eu gostava mais era cantar nas rodas (Velha 2).

[...] Brincava mais as colegas. [...] Eu brincava de boneca de sabugo, enrolava o sabugo num pano e dizia que era uma boneca. [...] Era assim, brincava de casinha, feita dentro do sítio. Viu? (Velha 3).

Conforme os relatos das velhas, as brincadeiras populares da infância refletiam o papel de “cuidadora” ou de “mãe”, atravessadas por oportunidades de socialização que permitiam sua execução simbólica. Apesar de algumas brincadeiras populares da infância envolverem movimento corporal, constata-se que elas não eram marcadas por competição agressiva. Pelo contrário, favoreciam os laços afetivos com outras meninas e incentivavam a cumplicidade. Isso evidencia como as experiências de socialização, proporcionadas pelas brincadeiras populares da infância, são influenciadas pelas normas de gênero vigentes na sociedade.

De acordo com os relatos, as meninas vivenciavam a infância majoritariamente

através das brincadeiras populares realizadas durante o dia, com relativa despreocupação em relação a outras responsabilidades. Deduz-se que, embora participando dos afazeres domésticos, não havia, à época, uma consciência clara de que essas atividades configuravam trabalho. Os afazeres domésticos eram vistos como uma extensão natural da vida familiar e comunitária, o que reforça a ideia de uma infância marcada simultaneamente pela ludicidade e pela inserção precoce nas dinâmicas cotidianas da casa, ainda que de forma não problematizada.

Por um lado, os marcadores de gênero estimulavam o ingresso precoce dos meninos no mundo do trabalho, reservando às brincadeiras o tempo livre disponível, geralmente, à noite ou nos fins de semana. Por outro lado, os marcadores de gênero incentivavam as meninas a aceitar o que lhes era socialmente esperado, ou seja, os papéis tradicionalmente reservados às mulheres, como o cuidado ou a realização de tarefas domésticas.

Em ambos os casos, as brincadeiras populares da infância reiteravam os marcadores de gênero, contribuindo para a formação de subjetividades a partir da naturalização dessas atribuições nos corpos e nas mentes de meninos e meninas.

4.2 Crianças de ontem, velhos de hoje: a (des)valorização das brincadeiras populares da infância e os marcadores geracionais

De acordo com Bauman (2011, p. 19), as diferenças entre as gerações atuais e as anteriores se tornam, cada vez mais, evidentes, resultando em disputas por legitimidade e reconhecimento. Além disso, as novas gerações são profundamente impactadas pelo ritmo acelerado das transformações sociais, pela efemeridade das relações e pela liquidez da própria existência.

[...] tornou-se visível e até evidente que (pelo menos desde o início da modernidade e por toda a sua duração) as classes de idade que chegavam ao mundo em diferentes etapas do processo de contínua transformação apresentavam uma tendência a *diferir* profundamente no modo de avaliar as condições de vida que *compartilhavam*. As crianças em geral nascem num mundo muito diferente daquele da infância de seus pais, e que estes aprenderam e se acostumaram a ver como padrão de “normalidade”; os filhos jamais poderão visitar esse mundo que deixou de existir com a juventude dos pais (Bauman, 2011, p. 19, grifos do autor).

Os marcadores geracionais revelam as diferenças nas experiências das pessoas ao longo do tempo, mesmo quando compartilham o mesmo espaço. São moldadas por contextos históricos, culturais e econômicos que influenciam suas percepções, comportamentos e expectativas em relação a si mesmos e ao mundo. Ao investigar as

lembranças dos/as velhos/as, constatou-se que tais marcadores também são tensionados com as brincadeiras populares da infância.

Quando questionados sobre a importância dessas brincadeiras em suas vidas, os/as velhos/as lembraram que:

[...] Eu achava bom brincar (Velho 1).

[...] Era demais, porque não tinha energia também, só no claro da lua. Era bom demais, era mais gostoso do que agora (Velho 2).

[...] Eu achava bom, né? Que a gente, quando é novo... É difícil o caba achar ruim, né... (Velho 3).

[...] Era engraçado, bichinha. Nós passávamos o dia todinho nessa brincadeira. Só naquela brincadeira. [...] eu adorava (Velha 1).

[...] É porque a gente se divertia muito, mulher. Não tinha esse negócio de... de estar assistindo, nem televisão. Era só rádio, né? Nem celular. Naquela época era muito bom, não tinha essas coisas, né? Eu achava melhor do que hoje, assim, as brincadeiras, né? (Velha 2).

[...] A gente se divertia, filha. A gente se divertia muito, viu? (Velha 3).

De acordo com os/as velhos/as, a ausência de aparelhos tecnológicos favoreceu brincadeiras populares mais criativas e voltadas para a interação social. Sem distrações digitais, as crianças usavam sua imaginação e os recursos ao redor para se divertir. Esse contexto favorecia vivências ao ar livre, com grandes grupos infantis interagindo de forma espontânea e colaborativa. O ambiente comunitário fortalecia os laços de amizade e o senso de coletividade, uma vez que todos se conheciam e participavam das atividades, criando um espaço de diversão compartilhada.

Constatou-se que as lembranças dos/as velhos/as são moldadas pela nostalgia e pelo apego a um passado irreversível. Lembranças que pareciam adormecidas, mas que ressurgem com intensidade, impulsionadas pelo desejo de reavivamento. Feitosa *et. al.* (2017, p.307) ressaltam que cada geração tem suas particularidades e especificidades.

[...] Entretanto, é preciso compreender que essa modernidade pode interferir positivamente ou negativamente na infância de hoje. Uma infância imersa em brincadeiras tecnológicas pode limitar a criatividade, os vínculos sociais e promover prejuízos para a saúde. Há de se ter equilíbrio, pois os brinquedos tecnológicos podem ser uma ótima ferramenta de aprendizagem. No entanto, essa supervalorização da modernização do brincar interfere na falta de espaço para as brincadeiras populares, resultando no enfraquecimento da sustentação dessa cultura lúdica.

Compreende-se que as mudanças ao longo do tempo são inevitáveis. Contudo, é necessário compreender como lidar com essas mudanças, sem que as experiências de outras gerações sejam completamente esquecidas ou marginalizadas. As lembranças dos/as velhos sobre as brincadeiras populares da infância podem denotar a complexidade dessa situação. Segundo os velhos do distrito de São Felipe;

[...] De primeiro para a gente brincar, para mim era melhor. [...] As brincadeiras de hoje não têm mais, não, que nem de primeiro, não! [...] Quem é que vê um menino andando a cavalo no cavalo de pau? O negócio é esse carrinho de borracha para brincar (Velho 1).

[...] agora tá mais diferente mesmo, no começo não tinha, não tinha negócio de ninguém brincar, jogar futebol, não tinha negócio de bola para as crianças brincarem. A bola que existia na semana santa era o tal de uma peteca para a gente jogar com as mãos, né? Juntava oito, dez pessoas que ficavam brincando, jogando. Jogando peteca. Aí agora, ninguém mais fala nisso não, hoje é negócio de bola, futebol e essas coisas, né? (Velho 2).

A partir de tais relatos, é possível perceber que, no distrito de São Felipe, as brincadeiras populares da infância foram desvalorizadas progressivamente perante as novas gerações, substituídas por outras atividades, como brinquedos industrializados. Esse processo resultou no apagamento de práticas que envolviam a criação de brinquedos à mão, momentos ao ar livre e a formação de grandes grupos de crianças, os quais eram, para os velhos, experiências significativas da infância.

Nos seus relatos, as velhas também compartilharam posicionamentos acerca dessa desvalorização:

[...] agora, ninguém vê ninguém brincando mais, né? É difícil, né, ver? Mas antigamente não era assim, a meninada fazia umas casinhas de palha e passava o dia todinho brincando (Velha 1).

[...] Eu tenho tanta saudade de quando a gente brincava. Era bom mesmo. Já hoje andou uma turminha de aluno aqui. Aí eu disse, olha, no meu tempo ninguém usava celular. Ninguém usava televisão. E o que era? Eu digo, só brincando. Correndo, né? Um correndo atrás do outro. Dizia, ei, pega, pega. Como é que ela dizia? E brincando e se escondendo. Era bom demais, mulher. Aí hoje, as crianças querem brincar? Querem não. [...] é tudo muito diferente. As crianças não brincam mais, não” (Velha 2).

[...] hoje, a gente não vê nem menino brincando, não, mulher. Às vezes, brinca de bola, né? (Velha 3).

Segundo as velhas, as brincadeiras populares da infância faziam parte de uma dinâmica comunitária mais intensa, em que os meninos e as meninas ocupavam os espaços ao ar livre e construíam brincadeiras com os recursos disponíveis. Para elas, essas brincadeiras foram substituídas por outras, mediada pelos aparelhos tecnológicos e menos voltada para a interação presencial.

Apesar das divergências em suas experiências, os/as velhos/as do distrito de São Felipe compartilham a valorização das brincadeiras populares da infância. No entanto, reconhecem que as novas gerações tendem a desvalorizá-las. Essa perda de apreço é motivo de crítica e nostalgia, como evidenciado em seus relatos, revelando uma dicotomia geracional entre passado e presente.

4.3 Elo fragilizado: a difusão das brincadeiras populares da infância no distrito de São Felipe

Silva e Gonçalves (2017, p. 48) argumentam que as brincadeiras “servem de elo entre o mundo inventado, o imaginário da criança, o mundo social e o real no qual está inserida”. Ademais, apesar de suas múltiplas configurações práticas, cada brincadeira pode ser vista como

[...] uma atividade inerente ao ser humano, desempenhando durante a infância, um papel fundamental na formação e no desenvolvimento integral do futuro adulto, especialmente nos primeiros anos. Além de estimular o desenvolvimento integral da criança, as brincadeiras também propiciam uma dimensão simbólica, desenvolvendo a imaginação e a criatividade (Silva; Gonçalves, 2017, p. 48).

Em conformidade com os relatos dos velhos, as brincadeiras populares da infância eram vistas como uma atividade complementar, que podia ou não ser integrada à rotina diária. A difusão dessas brincadeiras nem sempre era possível ou mesmo desejada, dependendo do contexto familiar e das exigências do trabalho.

[...] Meus filhos eu ensinei ir para a roça (Velho 3).
[...] Não, não deu tempo, não. [...] Porque a gente trabalhava o dia todo, aí as sete horas da noite, a gente de tardinha rezava um terço, aí, as sete tava no ninho para dormir (Velho 2).

Os relatos dos velhos indicam que, na infância, a prioridade era o trabalho, especialmente para os meninos, tornando as brincadeiras uma atividade secundária, influenciada pelos marcadores de gênero. Ademais, a rotina exaustiva, como descrita por eles, limitava o tempo disponível para atividades recreativas, consolidando a ideia de que as brincadeiras não eram uma prioridade, mas sim um complemento eventual à vida cotidiana.

Os relatos das velhas indicam que houve esforços para que as brincadeiras populares da infância fossem difundidas, com algumas tentativas de preservá-las. No entanto, as novas demandas, seja como esposas, mães e/ou trabalhadoras, impediam que essa difusão se fortalecesse.

“A falta de tempo para transmitir as brincadeiras” (Velha 1; Velha 2; Velha 3) levava a deixar essa aprendizagem a cargo das próprias crianças, entre pares da mesma faixa etária. Além disso, segundo elas, a difusão das brincadeiras foi limitada pela “ausência de oportunidades” e pelo acúmulo de “responsabilidades, com a casa, os filhos e o marido” (Velha 1; Velha 2). Além disso, como afirmou uma das delas: “Eu não tinha tempo. Trabalhava e, quando chegava, ia direto cuidar da casa, sem tempo para ensinar a brincar [...]” (Velha 3).

Nas oportunidades que tiveram de ensinar as brincadeiras populares, os/as velhos/as perceberam que as novas gerações demonstravam pouco interesse. De acordo com os relatos, os seus próprios descendentes, filhos e/ou netos:

[...] não acharam bom, não. [...] Fazia, fazia os cavalos [de pau] para o menino de meu filho e de minha filha, mas eles abusavam ligeiro [...] Ensina algumas brincadeiras, mas o negócio deles é brincar com esses outros carros, e o negócio mais é bola, correr atrás de bola (Velho 1).

[...] eles não gostam muito, não [...] Elas gostam de brincar dentro de casa, né, mas, assim, pelos mato não. [...] Mas antigamente não era assim, as meninada tudo faziam umas coisinhas de palha e passava o dia todim brincando (Velha 1).

A resistência das novas gerações, conforme mencionado nos relatos dos/as velhos/as, sugere um apagamento de tais brincadeiras populares da infância no distrito de São Felipe, bem como sua desvalorização conforme apresentado anteriormente. Isso pode estar associado não apenas ao acesso a novos meios de entretenimento, mas também à transformação das dinâmicas familiares e sociais. Segundo alguns relatos:

[...] o menino de hoje é tão diferente, sabe é de coisa, pega no celular e sabe é de coisa, sabe mais que a gente (Velha 2).

[...] Hoje, ninguém quer saber disso não. [...] Se eles quisessem, eu ensinava, mas eles não querem não, se a gente for ensinar, é uma briga (Velho 2).

Em síntese, a falta de tempo, a sobrecarga de trabalho e/ou as responsabilidades domésticas e familiares foram identificadas como obstáculos para a difusão das brincadeiras populares da infância. Contudo, observa-se que a limitada propagação dessas brincadeiras no distrito de São Felipe não pode ser atribuída unicamente às ações de algumas pessoas em relação a outras, como se a difusão fosse um processo imposto pelos mais velhos sobre as novas gerações.

A fragilidade da difusão também se manifesta nas respostas das novas gerações frente a essas brincadeiras, influenciadas pelo acesso a brinquedos industrializados e novas tecnologias. Além disso, tal fragilidade resulta das mudanças de concepções sobre o que significa ser criança, vivenciar a infância e brincar nos tempos atuais.

5 Conclusão

Este artigo teve o objetivo compreender como as brincadeiras populares da infância são relatadas nas lembranças dos/as velhos/as do distrito de São Felipe, em Brejo Santo – CE. A partir das lembranças dos/as velhos/as, foi possível compreender que essas práticas lúdicas, além de configurarem momentos de lazer e socialização, também refletem dinâmicas

socioculturais atravessadas por marcadores de gênero e marcadores geracionais.

Os relatos revelaram que as brincadeiras populares da infância foram experienciadas de maneira distinta pelos velhos e velhas, refletindo papéis sociais construídos historicamente. Na infância, enquanto uns conciliaram as brincadeiras com o trabalho na roça, as outras tiveram maior liberdade para se dedicar a atividades lúdicas, desde que estivessem em conformidade com as expectativas esperadas pelos marcadores de gênero. Apesar disso, as lembranças dos/as velhos/as reforçam o pressuposto de que as brincadeiras populares da infância são predominantemente associadas às ideias de lazer, socialização e criatividade.

As mudanças contextuais, em escalas micro e macro, contribuíram para a desvalorização das brincadeiras populares da infância. A falta de interesse em brincar ao ar livre e a escassez de interações entre as crianças, em favor de formas de entretenimento individualizadas e/ou tecnológicas, resultaram no enfraquecimento do patrimônio lúdico-cultural comunitário. Apesar dos esforços pontuais para que as brincadeiras fossem difundidas, os resultados não foram os esperados. Assim, os/as velhos/as entrevistados/as expressaram preocupação com essa situação, destacando que as novas gerações não valorizam as tradições de seus antepassados.

Diante desse contexto, este artigo reforça a relevância de iniciativas que busquem preservar e/ou problematizar as brincadeiras populares da infância, tanto no distrito de São Felipe quanto em outras localidades, considerando suas amplas contribuições para as novas gerações, seja no âmbito cognitivo, afetivo e/ou cultura.

Sugerem-se, assim, não apenas intervenções educacionais que busquem difundir tais brincadeiras, ou seja, ensinar a brincar, mas também intervenções que possam divulgar as experiências dos/as velhos/as, incorporando seus relatos em espaços formais e informais de ensino.

Em suma, considera-se que investigar as lembranças dos/as velhos/as é abrir caminho para que o passado, muitas vezes silenciado, encontre lugar de escuta e reconhecimento no presente. Essas lembranças revelam modos de viver, sentir e educar que escapam aos registros oficiais, mas persistem na oralidade cotidiana.

Ao serem acolhidas no campo acadêmico e educacional, reafirmam o protagonismo daqueles que, por tanto tempo, tiveram suas histórias negligenciadas. Valorizar sua voz e vez não é apenas um gesto de reparação simbólica, mas um ato de legitimar a experiência vivida como forma de conhecimento.

Referências

- ALBERTI, V. Fontes orais - história dentro da história. In: PINSKY, C. Bi. (Org.). *Fontes orais*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ARIÈS, P.. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 7. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUMAN, Z. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CAVALHEIRI, A. Voltando ao passado com as brincadeiras. *Revista Efdportes*, v. 17, n.168, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd168/voltando-ao-passado-com-as-brincadeiras.htm>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- FEITOSA, A. C. et al. “Dando linha na pipa”: uma análise das brincadeiras populares no cotidiano de crianças do bairro da Liberdade em São Luís-MA. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, v. 3, n.especial, p. 303–315, 2017. Disponível em: <https://desenvolvimento.funarte.gov.br/7/taianacan/periodicos/dando-linha-na-pipa-uma-analise-das-brincadeiras-populares-no-cotidiano-de-criancas-do-bairro-da-liberdade-em-sao-luis-ma/>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paideia*, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2024.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SAFFIOTI, H. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 2010.
- SILVA, T. A. da C. e; GONÇALVES, K. G. F. *Manual de lazer e recreação: o mundo lúdico ao alcance de todos*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2017.
- SILVA, V. R. da. *Histórias orais temáticas e reavivamento da identidade sociocultural na Vila Comprada Fiado em Brejo Santo-CE*. 2022. 122 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri (Urca), Crato-CE, 2022.

SOUSA, F. S. de. *Narramos o que somos: histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo – Ceará*. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, 2024.

VALLE, L. R. de L. D. *Fundamentos da educação infantil*. Curitiba: Editora Fael, 2010.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

Revisão textual: Dayse Ventura Arosa

Submetido em: 27/03/2025

Aprovado em: 14/08/2025